



Literatura Infantil Brasileira : uma análise comparativa dos subgêneros textuais de livros de editoras católicas e laicas¹

Celia Maria Escanfella²

Centro Universitário Senac – Faculdade de Comunicação e Artes

Resumo

Para contribuir com o atual debate sobre a construção social da infância, será apresentada parte de uma pesquisa na qual foram analisados comparativamente 30 livros de Literatura Infantil do período de 1976 a 2000, produzidos por editoras laicas e católicas e selecionados do depósito legal efetuado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O objetivo foi compreender como a Igreja Católica estaria processando as transformações observadas na sociedade e no universo acadêmico quanto à concepção de infância. Os resultados parciais quanto aos subgêneros literários permitem afirmar que ocorreu uma mudança no cenário das editoras católicas que produzem textos de literatura infantil, principalmente no último período da amostra (de 1995 a 2000), com avanços nas concepções de infância e de socialização, porém com manutenção de padrões tradicionais em vários textos analisados.

Palavras-chave

Literatura Infantil; Infância; Socialização, Religião; Ideologia.

Introdução

Este trabalho é parte de pesquisa mais ampla, na qual se optou por desenvolver um tema até o momento desconsiderado em estudos sobre Literatura Infantil e também não explorado no campo de estudos sobre a infância na atualidade: a produção simbólica para crianças no contexto religioso. E, assim, contribuir com a compreensão da concepção de infância na sociedade atual.

Para tanto, levou-se em consideração que, em decorrência do processo de secularização, as igrejas perderam o controle de instituições jurídicas e a primazia da construção da cultura e da construção de opiniões dominantes, sofrendo, com frequência, críticas à validade de seus princípios por meio das mídias laicas. Em contrapartida, o uso das mídias pelas igrejas amplia a percepção do reencantamento do mundo. Pode-se afirmar que as mídias passaram a representar um espaço específico de

¹ Trabalho apresentado ao Seminário de Temas Livres em Comunicação.

² Célia Maria Escanfella - Licenciada em Letras pela UNESP; Mestre em Psicologia Social pela PUC/SP; Doutoranda em Psicologia Social pela PUC/SP; membro do Núcleo de Pesquisa em Gênero, Raça e Idade -PUC/SP; membro da Linha de Pesquisa "Dinâmicas Sócio-cognitivas" do Centro Universitário SENAC; professora de Redação do Centro Universitário SENAC. E-mail: celia.mescanfella@sp.senac.br



construção e circulação de referenciais simbólicos que interessam às religiões (Martino, 2003), fato que referenda a tendência da sociedade brasileira de tomar a religião como fonte de legitimação na orientação da vida cotidiana (Pierucci e Prandi, 1998).

Um produto utilizado nesse processo de conquista de mentes e corações é a Literatura Infantil. Como se pôde observar na Bienal do Livro de 2004, em São Paulo, editoras de diversos credos (católicas, espíritas, evangélicas, seicho-no-ie, etc.) apresentavam, sob a rubrica de literatura infantil, narrativas para crianças. É necessário reforçar que estou me referindo a títulos que não são catalogados, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sob a rubrica de ensino religioso, e sim de literatura infantil.

Ao constituir a amostra, com base na seleção randomizada de títulos do universo de livros depositados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com títulos de autores brasileiros ou nacionalizados, nova questão surgiu: a grande maioria dos títulos sorteados de editoras confessionais era de editoras de confissão católica. Fato que me impediria de fazer afirmações quanto à relação da Literatura Infantil com o contexto religioso brasileiro mais amplo. Diante disso, foi considerado mais pertinente restringir o estudo à comparação entre livros de editoras católicas e de editoras laicas para crianças.

Portanto, o primeiro sorteio citado acima indicou que as editoras católicas têm uma participação majoritária na produção de literatura infantil de autores nacionais, quando comparadas com editoras de outros credos (cuja produção em grande parte é composta por traduções), além de ser um indicador da hegemonia da religião católica no cenário nacional ainda hoje, confirmando que, entre as diversas religiões, a católica ainda é a majoritária, apesar do permanente declínio numérico de seus fiéis observado nos últimos censos (Pierucci, 2004), o que lhe permite exercer um poder considerável tanto na política como no imaginário nacional. Esses argumentos qualificam a restrição do objeto de estudo.

Concepção de infância, literatura infantil e a manutenção da ideologia de idade

Ao rever a bibliografia sobre a infância (Áries, 1981; Montandon, 1997; Pinto, 1997; Sarmiento e Pinto, 1997; Sirota 1997; Becchi, 1998; Qvortrup, 2000; Jenks, 2002) evidencia-se a sistematização de um novo paradigma de estudos, que problematizaram e colocaram em xeque os antigos pressupostos que informam diversas pesquisas e teorias sobre infância, de diversas áreas do conhecimento. As principais afirmações desse novo paradigma, que passaram a informar a realização de pesquisas, a sistematização de



resultados e a elaboração teórica, referem-se: 1) à defesa da compreensão da infância como uma construção social, refutando a concepção da infância como um dado natural; 2) à análise da infância como uma categoria analítica que estrutura a sociedade, em sua dimensão assimétrica com outros grupos etários, numa complexa teia de relações com outras assimetrias como as de classe, gênero e raça; 3) à concepção de infância como ator social, que contribui para a construção de seu mundo e do mundo adulto, rompendo com a concepção de infância como ser passivo e garantindo às crianças os direitos à liberdade, como um dos aspectos próprios da garantia de cidadania.

Com base nas reflexões atuais do campo de estudos sobre a infância, diversas alterações têm sido engendradas no universo acadêmico, como a revisão da postura ética nas pesquisas com crianças, sobre crianças ou sobre conteúdos e práticas a elas dirigidos, ampliação do leque temático de estudos sobre infância, incorporando, por exemplo, seu cotidiano no rol dos temas a serem pesquisados. Porém, uma alteração que muito interessa aqui é a intensa discussão em torno do conceito de socialização, concebido nas teorias como processo de mão única entre adultos e crianças, de forma a inculcar os valores e as práticas adultas, sem a possibilidade de participação reflexiva e crítica das crianças envolvidas. Para utilizar um termo de Habermas (2003), concebia-se a socialização como um processo de educação para a heteronomia, e não para a autonomia. Ao mesmo tempo em que se concebia a infância nessa perspectiva autoritária, se desconsiderava sua participação ativa no próprio processo socializador, em outras palavras, não se reconhecia práticas infantis de socialização entre pares, nem suas práticas de ressocialização de adultos.

Ao pensar a pesquisa como uma prática social e o universo acadêmico como um “espaço” social institucionalizado, percebe-se que as mudanças em torno da concepção de infância têm sido enfrentadas e assimiladas na produção de conhecimento de diversos pesquisadores de diversas áreas. Porém o mesmo pode não ocorrer sincronicamente em outras instituições e nas diversas práticas sociais dirigidas às crianças.

Ao considerar a escassez de estudos sobre religião que levam em conta a dimensão da infância como categoria analítica estrutural e relacional e a criança como ator social, somados à manutenção da dimensão pedagógica e utilitária observada na produção de literatura infantil de 1955 e 1975 (Rosemberg, 1985; Perrotti, 1986; Lajolo, 1988; Escanfella, 1999), confirmou-se a escolha pela literatura infantil produzida por



editoras católicas, que será utilizada como material empírico para a análise com o objetivo de iniciar uma discussão em torno da questão.

Afinal, os adultos envolvidos na produção literária para crianças (de editoras católicas ou laicas), além de fornecerem às crianças uma representação da vida humana e social baseada na imagem de infância e dos conteúdos que a ela devem ser dirigidos, por meio da literatura infantil, estabelecem concretamente uma relação com a criança leitora (Rosemberg, 1985; Escanfella, 1999).

É importante salientar, apoiada em Perrotti (1986) e em Escanfella (1999), que muitas obras literárias para crianças apresentam inovações temáticas e abrem espaço para a aproximação com o leitor, mas não conseguiram abrir mão totalmente da postura utilitária, e por isso apresentam discursos racionais em defesa de certos princípios e valores, em um “utilitarismo às avessas”, conforme Perrotti (1986) nomeia essa tendência.

Portanto, vale salientar que não se postula aqui a ingênua ausência de valores ou visão de mundo, mas se discute a forma como eles são apresentados, isto é, quais concepções de infância e socialização informam a produção literária para crianças.

Assim sendo, o que se pretende estudar, mais especificamente, é a concepção de infância e de socialização que emerge da produção da literatura infantil de editoras católicas, quando comparada com a de editoras laicas.

Para a construção desta pesquisa, mostrou-se adequado adotar o sistema teórico e o conceito de ideologia formulado por Thompson (1998), que propõe um sistema teórico de explicação social que reconhece a centralidade dos meios de comunicação de massas na estruturação social e, conseqüentemente, nas relações de poder inerentes aos processos sociais, com ênfase nas formas simbólicas que constituem e mantêm as relações assimétricas de poder.

Caracterização da amostra

Para responder às questões e desenvolver a pesquisa foram comparados 30 livros nacionais de literatura infantil, sendo 15 de editoras laicas e 15 de editoras católicas (listas de livros em apêndice), com primeira publicação entre 1976 a 2000, selecionados de forma randômica do universo de livros do depósito legal efetuado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

É preciso salientar que a análise não é passível de generalização para o universo de livros publicados e depositados na BN, pois a amostra não foi constituída com procedimentos estatísticos que permitiriam a generalização, mas foi estabelecida com vistas a uma reflexão qualitativa. Apesar disso, é possível estabelecer aproximações entre os dados aqui apresentados e os conhecimentos produzidos na academia sobre literatura infantil.

Como unidade de análise, adotou-se a história, pois um livro pode conter mais de uma história. Dois livros são compostos por mais de uma história, perfazendo um total de 42 unidades de análise, conforme tabela a seguir.

Tabela 1: Distribuição de frequência de histórias por tipo de livro e caráter da editora

Caráter da editora	Unidades de análise (história)					
	Unidades de livros com uma história		Unidades de livros com mais de uma história		Total	
	N	%	N	%	N	%
Laica	14	50	10	71,5	24	57
Católica	14	50	4	28,5	18	43
Total	28	100	14	100	42	100

A maior parte dos livros foi publicada em São Paulo (73,5%), seguida da participação de editoras de Belo Horizonte (10%), do Rio de Janeiro (6,5%), de Petrópolis (6,5%) e de Porto Alegre (3,5%).

Tabela 2: Distribuição de frequência de livros por caráter da editora e local de publicação

Local de publicação	Caráter da editora					
	Laica		Católica		Total	
	N	%	N	%	N	%
Belo Horizonte	3	20	0	0	3	10
Petrópolis	0	0	2	13,5	2	6,5
Porto Alegre	1	6,5	0	0	1	3,5
Rio de Janeiro	2	13,5	0	0	2	6,5
São Paulo	9	60	13	86,5	22	73,5
Total	15	100	15	100	30	100

É possível identificar na amostra, quanto ao local de publicação, cidades que são consideradas importantes de produção literária para crianças, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre, porém esses locais não representam de forma uniforme editoras laicas e católicas.

Se os livros que compõem a amostra se concentram principalmente em editoras de São Paulo (73,5%), ao analisar a distribuição da publicação dos livros pelo caráter da

editora, observa-se que aqueles produzidos por editoras laicas concentram-se principalmente no eixo São Paulo - Belo Horizonte (São Paulo, 60%; Belo Horizonte, 20%), apesar de contemplar também editoras do Rio de Janeiro (13,5%) e de Porto Alegre (6,5%), enquanto as editoras católicas que participam da amostra se situam quase que exclusivamente em São Paulo (86,5%). Assim, nota-se que as editoras católicas consideradas mais expressivas na produção para crianças situam-se em São Paulo, e a participação mais plural quanto ao local de produção corresponde aos livros de editoras laicas.

Tabela 3: Caráter da editora por livros que receberam prêmios

Livros que receberam prêmios	Caráter da editora					
	Laica		Católica		Total	
	N	%	N	%	N	%
Prêmio nacional e internacional	1	16,5	0	0	1	10
Prêmio nacional	1	16,5	1	33,5	2	20
Autor reconhecido pelo conjunto da obra	5	67,0	2	66,5	7	70
Total	6	100	3	100	7	100

Dos livros que compõem a amostra, apenas três receberam prêmios, sendo um de editora católica (*Um homem no sótão* – ed. laica: recebeu um prêmio nacional e um internacional; *Entre a espada e a rosa* – ed. laica: recebeu quatro prêmios nacionais; *Homem que botou um ovo* – ed. católica: recebeu um prêmio nacional). Porém o número de autores cujos títulos não receberam prêmios, mas que são reconhecidos no mercado por suas obras, aumenta de forma significativa entre as editoras laicas. Para informações sobre o reconhecimento dos autores, utilizou-se o *Dicionário de crítica de literatura infantil e juvenil brasileira*, de Nelly Novaes Coelho. A maioria dos autores reconhecidos por sua produção de literatura infantil, como Odete de Barros Mott, Ricardo Azevedo, Ruth Rocha, Mary e Eliardo França e outros também reconhecidos tanto por suas publicações para adultos como para crianças, como Marina Colasanti e Sidónio Muralha, tiveram os títulos que compõem a amostra publicados por editoras laicas. As editoras católicas apresentam como autores reconhecidos, que assinam os títulos da amostra, Rubem Alves e Pedro Bandeira, o qual também assina um título de editora laica.

Análise de subgêneros literários

Um dos elementos fundamentais para a compreensão da concepção de infância implícita nos textos para criança é a estrutura da narrativa, que se encontra formalizada

nos subgêneros textuais. Para classificar as histórias quanto ao subgênero levei em conta o aspecto mais significativo na constituição da trama para esse trabalho, o que significa que uma história pode ter sido classificada em uma das categorias apesar de também conter elementos de outra. Esse aspecto transparecerá durante a análise, quando forem citados textos classificados em uma determinada categoria que, no entanto, se prestam também para a discussão de elementos próprios à outra.

Destacarei as principais diferenças e explorarei algumas semelhanças entre os textos das editoras laicas e das católicas quanto aos subgêneros. Iniciarei com as tramas à tese, presentes apenas nas publicações das editoras católicas, pois essa estrutura implica uma concepção de criança a ser moldada por uma proposta educativa de inculcação de valores, que limita a multiplicidade de leituras na medida em que apresenta os valores de forma impositiva, sem pressupor a possibilidade de questionamento pelo leitor. A seguir, ressaltarei as histórias policiais e as histórias com propostas ou temáticas inovadoras, presentes apenas nos textos de editoras laicas. Concluirei o tópico com algumas aproximações e diferenças das histórias, de ambas as categorias de editoras, que se inserem no subgênero “aventura” ou que tratam de temas históricos, ou de situações do cotidiano e as que, independentemente da estrutura da narrativa, contemplam como subtema o amor.

Tabela 4: Distribuição de caráter da editora por subgênero literário

Subgênero literário	Caráter da editora					
	Laica		Católica		Total	
	N	%	N	%	N	%
Aventura	6	25,0	3	16,6	9	21,4
Viagem, passeio real ou sonhado	2	8,3	0	0	3	7,2
Policial	2	8,3	0	0	2	4,7
Questões sociais/políticas	2	8,3	0	0	2	4,7
Vida psíquica (histórias intimistas)	3	12,5	0	0	3	7,2
Vida cotidiana, ciclo de vida, hábitos	6	25	7	38,9	13	31
Tema histórico não biográfico	1	4,2	1	5,6	1	2,4
Lição de vida	0	0	2	11,1	2	4,7
Moral	0	0	5	27,8	5	12
Folclore e contos etiológicos	2	8,4	0	0	2	4,7
Total	24	100	18	100	42	100

Conforme se observa na tabela 4, a distribuição de subgênero literário pelo caráter da editora apresenta diferenças consideráveis. São as editoras laicas que contemplam uma diversidade maior de subgêneros que estimulam a criatividade e a imaginação infantis, como aventura (25%), viagem (8,3%) e textos policiais (8,3%), bem como textos que abordam temas inovadores, como questões sociais (8,3%) e vida

psíquica (12,5%). Entre esses subgêneros, as editoras católicas apresentam apenas livros de aventuras (16,6%). Portanto, é por meio da literatura de editoras laicas que essas tendências aparecem representadas na amostra.

Um subgênero explorado apenas por editoras laicas é folclore e contos etiológicos, representando 8,4% das unidades de análise. Histórias que versam sobre a vida cotidiana apresentam números absolutos similares nas narrativas das editoras laicas (seis unidades, que correspondem a 8,4%) e das editoras católicas (sete unidades, que correspondem a 27,8%).

Como consta na tabela 12, apenas as editoras laicas participaram da amostra com livros policiais. Em *O caso da ilha* (Ed. Atual), um famoso joalheiro francês é seqüestrado por uma quadrilha internacional de contrabandistas de diamantes e mantido em cárcere numa ilha brasileira para lapidar diamantes que serão vendidos no mercado internacional. Em *Prova de Fogo* (Ed. Ática), uma criança é seqüestrada, com o envolvimento de policiais corruptos. Outra trama policial é *Unhas de Ferro* (Ed. Lê), em que se desmascara e se prende um grupo que fingia utilizar poderes paranormais. Os conflitos nessas tramas são provocados por interesses adultos ligados à possibilidade de ganhos financeiros. Em *O caso da ilha*, um jovem corajoso e destemido auxilia o delegado na resolução do crime, enquanto nas outras duas histórias, jovens são protagonistas. Nas três histórias, os jovens protagonistas ou o colaborador principal do protagonista são do sexo masculino.

Enquanto nas unidades de análise das editoras laicas não foi encontrada nenhuma história com estrutura moral, as histórias de editoras católicas apresentam um índice significativo de textos morais (27,8%) e de lição de vida (11,1%). As últimas diferem dos textos morais por não serem textos à tese, apesar de apresentarem explicações sobre a existência humana pautadas em sistemas de explicação religiosos. Diante da importância desse subgênero que explicitamente tem sua estrutura organizada de forma a utilitária, apresentarei a seguir uma reflexão sobre cada um dos livros assim classificados.

O livro *Miguel e Serafina* (Edições Loyola), por exemplo, propõe-se a discutir a temática de gênero, porém sua abordagem se dá por meio de uma trama à tese, na qual o direito de o menino brincar de boneca é apresentado de forma demonstrativa. Nenhum conflito é vivenciado por Miguel por ele ter como brinquedo predileto uma boneca. O conflito é expresso na voz dos outros brinquedos, que tentam convencer Serafina, a boneca, de que ela não deve brincar com menino. Apenas a boneca enfrenta os



questionamentos e faz isso com maturidade, sempre segura de si e dona de uma argumentação invejável, sem viver nenhum conflito emocional. Portanto, é a voz feminina que propõe um novo comportamento masculino. Não existe, realmente, conflito para o personagem masculino enfrentar, pois a trama gira em torno de uma argumentação da boneca que visa desmontar os argumentos dos outros brinquedos ou convencê-los, em prol da possibilidade de os brinquedos romperem com os padrões estabelecidos pelo fato de serem produzidos para meninos e meninas.

Em *O menino que virou bicho do mato* (Ed. Vozes), a trama é narrada pelo personagem criança que se vê às voltas com a decisão dos pais de mudarem-se da cidade grande para um sítio. Apesar da dificuldade vivenciada logo que se muda, o menino aprende a entender a natureza e estabelece uma relação simbiótica com ela. O texto apresenta um personagem infantil que fala e discute a relação com a natureza na perspectiva adulta, num típico discurso que demonstra e defende a tese de que é possível entender a natureza, ao se dispor a ouvi-la.

Outro texto que acaba adotando a estrutura à tese, sem no entanto parecer que essa é a pretensão inicial, é *O atraso* (Edições Paulinas). Ao narrar o atraso do amanhecer, uma fada recebe a incumbência de verificar o que acontecera e vê-se obrigada a acordar o Sol, que perdera a hora e que precisa acordar o Hoje para, juntos, iniciarem um novo dia. A fábula é concluída com a assertiva “Nunca é tarde para o Sol brilhar... Sempre há tempo para o Dia começar...”: de forma simbólica faz-se uma alusão à concepção moral de que é possível corrigir os erros e reiniciar, para manter o ciclo estabelecido naturalmente.

Em outra fábula, *A abelhinha e a tartaruga* (Paulinas Editora), a estrutura à tese repete-se. Uma abelha órfã tem como referência a amiga tartaruga; sem perceber que tem asas, acompanha a amiga em tudo. Isso começa a provocar desconforto na tartaruga, que passa a temer pela vida da abelha, que, por sua vez, não vivencia nenhum conflito existencial nem reconhece suas diferenças com relação à tartaruga. O problema é percebido pelos outros personagens. A sugestão de que ela é diferente e que precisa aprender a usar as próprias asas vem de um sapo que a auxilia no processo de descobri-las. O discurso educador arremata o texto, indicando que cada um deve procurar o próprio caminho e descobrir os próprios talentos e capacidades.

Em *Colecionador de estrelas* (Edições Paulinas), a estrutura moral é complementada com a submissão do personagem principal a um castigo físico similar



ao comportamento que se pretende eliminar, para que desenvolva uma nova atitude e um comportamento amoroso de acordo com os princípios defendidos.

Foram classificados na categoria “lição de vida” dois livros de editoras católicas, que são: *Pingo de Luz* (Ed. Vozes) e *A volta do pássaro encantado* (Paulus Editora). Apesar de não serem escritos no formato à tese, ambos sustentam, de forma explícita, uma explicação sobre a existência humana. No primeiro texto, o ciclo de vida de um espírito — antes do nascimento, a vida, a morte e a pós-morte — é apresentado como uma explicação para a morte física e a permanência do espírito. No segundo texto, a concepção de amor e liberdade, na perspectiva cristã, é explorada para explicar os caminhos e descaminhos da alma humana. Apesar de a estrutura não ser à tese, o objetivo implícito nas histórias é educar, o que também fica evidente pelos prefácios que antecedem as próprias narrativas.

Propostas inovadoras, quanto ao tema ou quanto à estrutura narrativa, apenas foram observadas em textos de editoras laicas, com exceção do livro *Miguel e Serafina* (Ed. Loyola) e *No tempo do branco e preto* (Paulus Editora), que são de editora confessional. Os textos *Miguel e Serafina*, que aborda a questão de gênero, e *No tempo do branco e preto*, que simbolicamente pode ser lido na perspectiva racial, podem ser relacionados à tendência de algumas editoras católicas de propiciar discussões sobre temas inovadores, apesar da estrutura à tese de primeiro texto e da tendência à harmonia presente na discussão do segundo texto.

Nos livros de editoras laica, os temas inovadores aparecem em histórias em que a vida psíquica do personagem é o que move a trama, como em *Um homem no sótão* (Ed. Melhoramentos) e *Renata e Muriel* (Ed. Atual). No primeiro texto, por meio da análise do psiquismo do protagonista, que é um autor de histórias infantis, questiona-se o conteúdo e a forma de produção da literatura para crianças. Além de abordar a dimensão psíquica do personagem para construir a trama, o autor utiliza-se de metalinguagem. Na história *Renata e Muriel* (Ed. Atual), são as dificuldades próprias da adolescência em seus conflitos emocionais e o polêmico tema da tentativa de suicídio de uma adolescente que movem a trama.

Outros temas inovadores são abordados nos contos de *Entre a espada e as rosas* (Ed. Salamandra), que utiliza a estrutura de contos fantásticos para discutir questões de gênero, desejo de poder, prepotência, cobiça e auto-conhecimento. Textos em que a subjetividade dos personagens e seus conflitos diante dos valores sociais vigentes levam



ao questionamento dos valores que impedem a felicidade humana. Algumas dessas histórias não apresentam final feliz, como é comum em histórias para crianças, portanto, às vezes, ocorre a superação dos conflitos com uma resolução favorável aos protagonistas, como em *Uma voz entre os arbustos* ou *Entre a espada e a rosa*; outras vezes os conflitos levam à morte ou à elaboração de outro conflito, como em *Como um colar* ou *No rumo das estrelas*.

Tanto a produção laica como a católica contemplam narrativas históricas, em *Tantas histórias tem o tempo* (Ed. do Brasil) e em *Vovó Italiana* (Paulinas Editora). Na primeira, é a história do Brasil que está em foco. Por meio de uma viagem fantástica no tempo, propiciada pelo contato com uma nave espacial, o jovem protagonista regride no tempo até o período em que suas terras eram povoadas por indígenas. Em *Vovó Italiana* o narrador é o neto ainda criança, que, ao vivenciar a saudade da avó italiana que morrera, conta sua história de imigração.

Na categoria “vida cotidiana, ciclo de vida, hábitos” foram classificadas histórias de editoras laicas e católicas. Algumas histórias de editoras laicas tratam de questões relacionadas ao cotidiano das crianças, como *A decisão do campeonato* (Ed. Rocco), *Apostado* (Ed. Atual) e *Dia Inteiro* (Ed. Dimensão). No primeiro texto, um grupo de garotos disputa a final de um campeonato de futebol. O segundo texto é construído com base em uma série de episódios, que envolvem os diversos personagens que possuem o hábito de fazerem apostas. O terceiro relata o dia de dois meninos que, unidos pela amizade, sempre arrumam o que fazer juntos. Algumas das histórias de editoras laicas classificadas nessa categoria são as mesmas que foram discutidas anteriormente, pois compõem os contos *Entre a espada e a rosa* (Ed. Salamandra)

Cinco das histórias de editoras católicas, que se estruturam com base em situações cotidianas ou em hábitos e costumes, têm como tema aglutinador o Natal, como se pode observar em *Velhinho entalado na chaminé* (Ed. FTD) e nas quatro histórias que compõem o livro *Historinhas de Natal* (Ed. Ave-Maria). A abordagem dos autores difere substancialmente quanto ao tema tratado. No primeiro texto, o conflito refere-se às dificuldades observadas pela criança para a entrada do Papai Noel em sua casa, já que esta não possui chaminé.

As narrativas de *Historinhas de Natal* abordam o Natal na perspectiva cristã, com valorização do empenho e da obediência dos personagens infantis para ajudar suas famílias, pelos quais são recompensados, ou na valorização da bondade que leva adultos a agirem de forma solidária e bondosa com as crianças pobres.

Outro texto de editora católica, classificado como “história sobre o cotidiano”, que, no entanto, não envolve diretamente crianças é *O homem que botou um ovo* (Paulinas Editora), que conta a história de uma mulher que adorava uma boa fofoca, apesar das diversas críticas feitas pelo marido. Sem conseguir a mudança da mulher, o marido decide pregar-lhe uma peça e finge ter botado um ovo, pedindo-lhe que não contasse o ocorrido a ninguém. Sem resistir, a mulher conta para a vizinha, e a notícia espalha-se, chegando aos meios televisivos, fato que obriga a mulher a desmentir o ocorrido, após saber a verdade. A história é contada com bom humor, sem utilizar da estrutura à tese, apesar da abordagem moral implícita no texto. Publicada pela Paulinas Editora, é um dos títulos premiados da amostra.

Vale ressaltar que o amor é tema de diversas histórias, mas que sua abordagem se expressa de forma diversa em histórias de editoras laicas e católicas. Nos textos das editoras laicas, o amor é tratado com base em conflitos de gênero (*Entre a espada e a rosa* – Ed. Salamandra) ou em dificuldades emocionais para os adolescentes (*Renata e Muriel* - Ed. Atual - e *Prova de Fogo* – Ed. Ática). Nos textos das editoras católicas o amor tem poder de resgatar de feitiços e encantamentos, como *Na volta do pássaro encantado* (Paulus Editora) e *Encanto em Tiemim* (Paulus Editora). Também é apresentado em sua dimensão fraterna nas histórias natalinas, ou de forma absolutamente romântica, em *E não é que era amor* (Paulinas Editora), cujos personagens se apaixonam na adolescência, separam-se por um motivo fútil e mudam-se, perdendo o contato. Porém o amor se mantém ao longo de suas vidas, até se reencontrarem em plena maturidade.

Considerações finais

Nos textos de editoras católicas, observou-se a manutenção de textos à tese, a recorrência na apresentação do subtema amor de forma romântica, enquanto se observa nas editoras laicas o uso mais diverso de subgêneros textuais que permitem uma maior entrada no universo infantil e a ausência de textos à tese.

Os resultados parciais permitem afirmar que a maioria dos textos das editoras católicas inserem-se na tendência que Perrotti (1986) denominou de literatura utilitária, outros apresentam um “utilitarismo às avessas”, podendo-se afirmar que apenas o livro *Velhinho entalado na chaminé* (FTD) escapa integralmente a essa denominação, fato que se explica pelo próprio espaço ocupado pela editora no mercado de produção de livros dirigidos às escolas, o que de certa forma exige uma tendência mais laica na



produção. Outra ressalva deve ser feita para alguns livros do último período que foram publicados pela *Paulinas Editora* e pela *Paulus Editora*, que demonstram um esforço no sentido de se desvencilhar da tendência utilitária e do “utilitarismo às avessas”.

Menos homogênea é a produção de editoras laicas diante da tendência utilitária ou do utilitarismo às avessas. Nenhum dos títulos poderia ser apresentado como explicitamente utilitário, porém em vários textos a concessão ao utilitarismo evidencia-se, podendo diversos deles ser classificados na tendência de “utilitarismo às avessas”, como *O caso da Ilha* (Ed. Atual), *Tantas histórias tem o tempo* (Ed. Melhoramentos), *Anjo na rua* (Ed. Mercado Aberto), *O Álbum do Nino* (TV Cultura e Cia. das Letrinhas), *Três cachimbos* (Ed. Global), *Unhas de ferro* (Ed. Lê), entre outros. Portanto, as concepções de infância, que emergem dos textos de editoras laicas, são contraditórias, pois em diversos textos se concebe a infância como ser político com quem se pode discutir temas inovadores, ao mesmo tempo em que se observa a concessão ao “utilitarismo às avessas”. Por outro lado, parte dos textos apóia-se nos subgêneros que tendem a evitar o utilitarismo e abrem espaço para abordar o cotidiano de crianças, o que evidencia a tendência a reconhecer a criança como ator social, com cultura própria.

Confirma-se por meio da análise realizada que, para além do conteúdo explícito, as assimetrias de idade e o poder adulto — e, portanto, a ideologia — são garantidos principalmente em textos de editoras católicas pelo uso de subgêneros literários à tese, por meio do utilitarismo e do “utilitarismo às avessas”. Nos textos das editoras laicas essa garantia é fornecida pelo “utilitarismo às avessas”. Em ambos, porém de forma mais intensa e evidente nos textos das editoras católicas, se *legitima*, de forma aparentemente *racional*, o processo de socialização unidirecional e a educação para a heteronomia e não para a autonomia infantil.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, [1978]1981.

BECCHI, Egle. Le XXe. Siècle. In: BECCHI, Egle, JULIA, Dominique. *Histoire de l'enfance en occident*. Paris: Éditions du seuil, 1998.

ESCANFELLA, Celia Maria. *Construção social da infância e literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea*. São Paulo: Dissertação de Mestrado (Psicologia Social – PUC/SP), 1999.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.



JENKS, Chris. Constituinte a criança. *Educação, Sociedade e Culturas*. Portugal: Associação de Sociologia e Antropologia da Educação, no. 17, 2002.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico*. São Paulo: Paulus, 2003.

MONTANDON, Cléopâtre. La sociologie de l'enfance: l'essor des travaux en langue anglaise. *Educacion et société: revue internationale de l'educacion*. Revista especial: Sociologie de l'Enfance. Vol. 2. Paris/Bruxelas: Département de Boeck Université, 1998.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. Introdução: as religiões no Brasil contemporâneo. In PRANDI, Reginaldo (org.). *Um sopro do espírito*. São Paulo: EDUSP: Fapesp, p. 13-26, 1998.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Bye bye, Brasil" – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Revista Estudos Avançados*, Dec. 2004, vol. 18, no. 52, p. 17-27.

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In PINTO, Manuel e SARMENTO, Manuel Jacinto (coord.). *As crianças: contexto e identidades*. Portugal: Universidade do Minho (Centro de Estudos da Criança, 1997).

QVORTRUP, Jens. Generation – an important category in sociological childhood research. In *Actas do Congresso Internacional: Os mundos Sociais e Culturais da Infância – Janeiro de 2000*. Volume II. Braga-Portugal: Instituto de Estudo da Criança/Universidade do Minho, 2000.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global Editora, 1985.

SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In PINTO, Manuel e SARMENTO, Manuel Jacinto (coord.). *As crianças: contexto e identidades*. Portugal: Universidade do Minho (Centro de Estudos da Criança, 1997).

SIROTA, Regine. L'émergence d'une sociologie de l'enfance: évolution de l'objet, évolution du regard. *Educacion et société: revue internationale de l'educacion*. Revista especial: Sociologie de l'Enfance. Vol. 2. Paris/Bruxelas: Département de Boeck Université, 1998.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1998.

Apêndices: Lista de livros que compõem o corpus analítico

Livros de editoras católicas

1. D'Assumpção, Gislaíne Maria	Pingo de Luz	Petrópolis (RJ)	Vozes	1991 (1ª. ed 79)
2. Ferreira, Regina Sormani	Miguel e Serafina	São Paulo	Loyola	1987
3. Nuccy, Nely A Guernelli	A abelhinha e a tartaruga	São Paulo	Paulinas	1988
4. Alves, Rubem	A volta do pássaro encantado	São Paulo	Paulus	1990
5. Jacuá, Sheila de	Colecionador de estrelas	São Paulo	Edições Paulinas	1990



6. Bandeira, Pedro	Velhinho entalado na chaminé	São Paulo	FTD	1990
7. Queiroz, Márcia Peltier de	O menino que virou bicho do mato	Petrópolis (RJ)	Voices	1991
8. Nuccy, Nely A Guernelli	O atraso	São Paulo	Edições Paulinas	1993
9. Campo, Guilherme del	Vovó italiana	São Paulo	Paulinas	1996
10. Wallace, Roberto	E não é que era amor	São Paulo	Paulinas	1998
11. Carvalho, Maria Lúcia	No tempo do branco e preto	São paulo	Paulus	1998
12. Albissú, Nelson	Encanto em Tiemim	São Paulo	Paulus	1998
13. Rodrigues, Luiz	Pequeno rei	São Paulo	Ave-Maria	1999
14. Brazão, Suely Mendes	Historinhas de natal	São Paulo	Ave-Maria	2000
15. Chindler, Daniela	Homem que botou um ovo	São Paulo	Paulinas	2000

Livros de editoras laicas

1. Mott, Odete de Barros	O caso da ilha	São Paulo	Atual	1978
2. Azevedo, Ricardo	Um homem no sótão	São Paulo	Melhoramentos	1982
3. Rocha, Ruth	A decisão do campeonato	Rio de Janeiro	Rocco	1984
4. Albergaria, Lino de	Tantas histórias tem o tempo	São Paulo	Editora do Brasil	1986
5. Amaral, Maria Lucia	Anjo na rua	Porto Alegre	Mercado Aberto	1991
6. Colasanti, Marina	Entre a espada e a rosa	Rio de Janeiro	Salamandra	1993
7. Souza, Flavio de	O álbum do Nino	São Paulo	TV cultura: Cia das Letrinhas	1995
8. Vargas, Giselle	Dia inteiro	Belo Horizonte	Dimensão	1996
9. Bagno, Marcos	Unhas de ferro	Belo Horizonte	Lê	1997
10. Nuvens, Sebastião	Sapatolices	Belo Horizonte	RHJ Livros	1998
11. Bandeira, Pedro	Prova de Fogo	São Paulo	Ática	1999
12. Muralha, Sidônio	Três cachimbos	São Paulo	Global	1999
13. Aguiar, Luiz Antonio	Renata e Muriel	São Paulo	Atual	1999
14. Abramovich, Fanny	Apostado	São Paulo	Atual	1999
15. França, Mary	Passeio na fazenda	São Paulo	Ática	2000